

AO DOMINGO

E agora, Europa?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

Depois da vitória do 'sair da UE' no Reino Unido, fomos bombardeados com metáforas para descrever o sucedido: terramoto, sismo, hecatombe, dominó... O uso de metáforas, como é sabido, ou remete para textos literários ou acontece quando não sabemos muito bem explicar. Foi este o caso. Mais inquietante do que a surpresa é ver este resultado não como uma vontade política do povo britânico mas, em certa medida, como o resultado do ódio. O ódio, como é sabido, mobiliza muito mais do que a racionalidade. E isso explicaria a maior abstenção registada nas regiões onde o Brexit venceu. Depois do chorrilho de análises dos últimos dias e de todo o intenso foco e interesse no tema (de acordo com um relatório da Google, "O que é a UE?" foi a segunda maior pesquisa no Reino Unido sobre a UE depois dos resultados do referendo), apetece citar Hugh Laurie, ator conhecido como Dr. House, que ontem perguntava no Twitter: 'Melhor de três?'



Fernando Gomes
Economista

E o pior aconteceu. A luta cega pelo poder no seio do Partido Conservador, com a Europa como arma de arremesso, feriu de morte este projeto europeu. Sem a sua segunda mais forte economia, sem o seu mais forte pilar em matéria de defesa e de política externa, a Europa não mais será a mesma. O que vem a seguir será diferente. A Europa vai ter que reinventar-se. Todos vamos pagar um preço. Portugal já tem mais altos os juros da sua pesada dívida. Falta conhecer, agora, o impacto no importante volume do comércio externo com o nosso mais velho aliado de sempre. Mas o preço mais alto pode ter de vir a ser pago pelo Reino Unido. Os dados da votação assim o indicam. A Escócia vai, por certo, insistir na independência e a Irlanda do Norte volta a ser um problema. Preço elevado de mais a pagar pela guerra entre Cameron e Boris Johnson.



Sebastião Feyo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

E agora? Teremos um futuro que resulta do modelo democrático que adotamos e defendemos, em que o povo pode mostrar o seu descontentamento e influenciar esse futuro. Independentemente da especificidade de cada caso, os povos europeus têm reagido pelo voto à incerteza e ameaça, ao desvio da Europa do seu desígnio social, ao domínio da política pela economia. É certo que os movimentos que por razões ideológicas sempre foram contra a essência do modelo da União estão a fazer o seu trabalho. Vemos extremos ideológicos a unirem-se, com o objetivo de forçar a desintegração. É a natureza da democracia que vivemos. Mas, independentemente de um período de turbulência, o futuro da Europa será necessariamente de União pela via reformista, por tantas razões, desde logo, no plano externo, para garantir uma capacidade simultaneamente competitiva e de estabilidade mundial face aos blocos a Oeste e a Este, essencial para influenciar o desenvolvimento económico e social, e promover a paz no Mundo.